Na cadência do gênero: histórias de vida das docentes universitárias violonistas brasileiras (1980-2018)

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO MÚSICA E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS E PRÁTICAS NA PRODUÇÃO SONORA DE MULHERES

Simone Lacorte Recôva
Universidade de Brasília - silacorte@gmail.com

Resumo: O presente artigo se refere a um projeto de doutorado em andamento e tem por objetivo investigar as histórias de vida das docentes universitárias violonistas brasileiras em cursos superiores de Música em universidades federais no Brasil entre 1980-2018. As referências teóricos-metodológicos são os estudos sobre gênero, música, história oral e terá como participantes doze docentes universitárias violonistas.

Palavras-chave: Docentes universitárias. Gênero. Violão.

In the Cadence of the Genre: Life Histories of Brazilian University Classical Guitar Professors (1980-2018)

Abstract: This article refers to a doctoral project in progress and aims to investigate the life histories of female professors of Brazilian Classical Guitar in Music Major Courses at Federal Universities in Brazil, between 1980-2018. The theoretical-methodological references are the studies on gender, music, oral history and will count with twelve female university professors of classical guitar as participants.

Keywords: Female Professors. Gender. Classic Guitar

Introdução

Ouvir e ver mulheres violonistas tocando em diferentes espaços na vida pública, em um primeiro instante, pode parecer algo comum nos dias atuais, principalmente se o violão tiver a função de um instrumento acompanhador da voz de uma cantora. No entanto, a representação de mulheres em contextos universitários de cursos superiores de música, bacharelado e licenciatura, é algo relativamente recente e pouco conhecido. O presente projeto de pesquisa em andamento tem por objetivo geral construir uma narrativa histórica sob a perspectiva de gênero a partir da história oral de docentes universitárias violonistas brasileiras e como objetivos específicos: investigar as experiências e ambientes iniciais de aprendizagem no violão; conhecer como a educação e as redes de sociabilidade influenciaram as escolhas pela música e educação; analisar como ocorreu a inserção no mercado de trabalho; identificar as dificuldades e conquistas ao longo da trajetória profissional; analisar como essas narrativas de vida podem revelar aspectos da história das mulheres na música no Brasil; identificar como a questão do gênero é discutida e vivenciada no ambiente de trabalho e na vida pessoal; conhecer as identidades dessas mulheres como professoras de música e musicistas em cursos superiores de Música, espaço esse

prioritariamente ocupado por homens. Assim as histórias de vida de docentes universitárias violonistas brasileiras serão abordadas a partir da análise de suas vivências pessoais e profissionais. Problematizando as relações de gênero na música que transcorrem em ambientes universitários no Brasil, busca-se conhecer as identidades dessas mulheres como professoras de música e musicistas em cursos superiores de Música. Quem são? Quais formações tiveram? De que maneira a educação e as redes de sociabilidades influenciaram suas escolhas pela música e educação? De que forma as histórias de vida delas podem revelar aspectos da história das mulheres na música no Brasil sob a perspectiva das relações de gênero? Quem são as professoras universitárias que lecionam violão nas universidades federais no Brasil e quais são as especificidades dessa carreira docente na visão dessas mulheres considerando as desigualdades de gênero no campo musical?

A trajetória de mulheres violonistas nos cursos superiores de Música no Brasil data da década de 1980. Segundo Hahner (2012), até 1879, as mulheres no Brasil, mesmo as das classes mais abastadas, não eram indicadas para ingressar na vida acadêmica, pois esta oferecia um currículo clássico estruturado para capacitar os homens da época para atuarem no mundo político da elite governante, em cursos como Direito e Medicina. Além disso, a música era uma atividade desenvolvida pelas mulheres geralmente em ambiente privado, e alguns instrumentos como o violão eram vistos com preconceito e desprezo ligados à boemia e à malandragem mesmo para os homens. Sevcenko (2003) destaca:

> A reação contra a serenata é centrada no instrumento que a simboliza: o violão. Sendo por excelência o instrumento popular, o acompanhante indispensável das "modinhas" e presença constante nas rodas de estudantes boêmios, o violão passou a significar, por si só, um sinônimo de vadiagem. Daí a imprensa incitar a perseguição policial contra o seresteiro em particular e o violão em geral. (SEVCENKO, 2003, p.46)

A partir dessa narrativa histórica, questões emergiram na tentativa de compreender a relação entre a profissionalização de mulheres musicistas e o violão. A questão de pesquisa surge do interesse em conhecer como as docentes universitárias violonistas brasileiras vão se constituindo como mulheres, profissionais, instrumentistas, a partir da representação e invenção de si (RAGO, 2014) e das próprias experiências de vida, em um cenário adverso, onde ocorre a predominância masculina, isto é, no contexto do ensino superior e na escolha do instrumento violão. Trata-se de tentar entender por meio de uma perspectiva de gênero, o protagonismo dessas mulheres e suas lutas num campo ainda pouco explorado nas pesquisas da área de música. A análise das falas dessas professoras buscará historicizar as

representações de gênero. A compreensão dessa historicidade é fundamental na crítica e rompimento de concepções naturalizadas e enraizadas na nossa cultura sobre as experiências e identidades das mulheres musicistas. Desse modo, trata-se de uma proposta de pesquisa que pode se constituir em importante referência na abordagem da história das mulheres na música como instrumentistas e professoras universitárias de violão.

Revisão de Literatura

Taborda (2012) esclarece que os anos de 1920 trouxeram jovens senhoritas violonistas para o espaço de representação e atuação social no Rio de Janeiro. Essas moças executavam um repertório de cunho nacionalista. Entre elas destacaram-se Nair de Teffé, Olga Praguer Coelho, Stefana de Macedo e Gessy Barbosa. Este sentimento nacional do começo do século XX conseguiu transformar a visão negativa do violão, ou seja, mudou de um instrumento marginalizado para um dos símbolos representativos do caráter nacional, fato este que contribuiu para sua melhor aceitação pela sociedade.

Em um levantamento de violonistas no Brasil, grandes mestres do violão brasileiro como João Pernambuco, Garoto, Dilermando Reis, Paulinho Nogueira, Baden Powell e Raphael Rabello são destacados. Dentre eles aparece Rosinha de Valença (1941-2004), uma das poucas mulheres violonistas no cenário musical brasileiro, retratada por historiadores, por acompanhar cantoras e cantores famosos como Elis Regina e Sivuca. (TAUBKIN, 2007)

Para Rovai (2017), é importante lembrar que as mulheres nunca estiveram ausentes da história, nem excluídas dela. Estiveram sempre presentes em eventos, atuando, selecionando e reinventando suas histórias, mesmo quando invisíveis, isto é, mesmo quando não reconhecidas como sujeitos de si, enfrentaram diversas dificuldades para romper a invisibilidade sobre sua atuação na história.

Compreender as histórias de vida e subjetividades de docentes violonistas universitárias brasileiras possibilitará dar visibilidade à trajetória dessas mulheres, ainda não pesquisadas no campo da música, que enfrentaram o preconceito da marginalidade relacionada ao instrumento violão e alcançaram o ensino superior em universidades federais brasileiras. Também significa o reconhecimento e a valorização da participação dessas mulheres na história da docência em música no Brasil. Assim, pretende-se trazer para a história da música as vozes das próprias mulheres, suas memórias e histórias na perspectiva das relações de gênero.

Mello (2006) destaca que a participação da mulher em diferentes áreas do conhecimento vem sendo sistematicamente revista nos últimos vinte anos, constituindo um

campo de estudos conhecido como “estudos feministas”. Nas últimas décadas, pesquisas no campo dos estudos culturais, da antropologia, da musicologia, da história têm mostrado novos caminhos para se pensar os protagonismos das mulheres na música ocidental no que diz respeito às implicações de gênero no contexto político, e de produção musical mundial. A autora afirma ainda que no Brasil há uma carência de pesquisas que problematizem esses pontos sendo necessárias novas pesquisas em contextos distintos. Estudar mulheres musicistas/instrumentistas/docentes ao longo da História da Música no Brasil é urgente e necessário para dar visibilidade àquelas que contribuíram para a nossa formação e constituição atual como docentes violonistas universitárias no Brasil.

O tema deve-se à percepção de que esse grupo de profissionais possuem espaços e condições diferenciadas de formação e atuação no cenário brasileiro. Busca-se assim, compreender essa situação e futuramente propor projetos e estratégias para que nós, mulheres musicistas, tenhamos mais visibilidade e oportunidades para trabalhar, pesquisar e promover espaços para práticas musicais igualitárias sem hierarquias de gênero. Podemos afirmar que atualmente, já avançamos muito na ampliação dos espaços de atuação de mulheres musicistas nas práticas musicais, principalmente tanto na música popular quanto erudita. No entanto, ainda temos maior visibilidade em alguns espaços, como por exemplo, em rodas de samba de mulheres.

Embora estudos realizados no Brasil venham discutindo a questão de ensino e aprendizagem de violão com diversos focos: avaliação; motivação; ensino a distância, em projetos e práticas informais; professores de violão, autoaprendizagem; ainda são escassas as pesquisas sobre a relação de gênero, violão e docência universitária. Investigar a história oral de mulheres, docentes universitárias e violonistas do Brasil, pode contribuir para maior inserção da temática no meio acadêmico, bem como refletir na formação de futuros professores/professoras de música os quais/as quais estarão mais bem capacitados a lidar com as questões de gênero em sala de aula.

A partir desses breves relatos, este artigo se propõe a abordar o tema sobre gênero, docentes e violão. O recorte permitirá conhecer e revelar as profissionais mulheres que trazem o instrumento “violão“ como parte da trajetória profissional e pessoal, agora com foco na educação e formação universitária.

Metodologia

O lugar de fala é um importante conceito que aparece por volta de 1980 e tem por raízes debates feministas americanos. Nesta perspectiva, a pessoa que sofre o preconceito, militantes de movimentos feministas, negros, de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis,

Transexuais e Transgêneros (LGBT), por exemplo, assumem a responsabilidade da própria fala na esfera da defesa de seus direitos. O falar de si assume uma propriedade de reconhecimento social, cultural e político. Pesquisar sobre docentes, universitárias, violonistas brasileiras reflete um trabalho no qual assumo o meu lugar de fala e dou voz a outras colegas que se encontram em situações e experiências de vida similares.

A metodologia utilizada nessa pesquisa será a história oral. Matos e Senna (2011) trazem que a fonte oral acrescenta uma dimensão viva à realidade. Para os autores, a história oral não é somente a lembrança de um indivíduo, mas de um sujeito inserido em um contexto familiar, social e cultural. A fala de cada um apresenta diferentes inferências coletivas, ou seja, uma percepção de si e dos outros.

Alberti (1989) destaca que a história oral não pertence a uma área do conhecimento em específico. Devido ao fato de ela apresentar diversas abordagens, pode-se inferir-lhe a pluridisciplinariedade. A autora define:

> história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. (ALBERTI, 1989, p.1-2)

Salvatici (2005) relaciona a história oral e a história das mulheres. Segundo a autora, ambas foram disseminadas, a partir do final dos anos 1960, e cresceram juntas, pelos movimentos sociais e políticos, tentando inicialmente resgatar histórias ocultas. Emergiram dos estudos dos historiadores orais as vozes dos desfavorecidos, das mulheres do passado e do presente, uma reconstrução das contribuições femininas na história. Seguindo trajetórias diferentes, a história das mulheres e a história oral tiveram como ponto de distanciamento, em primeiro lugar, a exclusão das mulheres dos documentos escritos, únicas fontes válidas para a história naquela época. Como a maior parte do que está registrado em trabalhos literários, tratados, documentos foram redigidos e transmitidos por homens, as fontes orais vieram completar a árdua tarefa de dar visibilidade àquelas vozes esquecidas e silenciadas. As fontes orais ampliaram o cenário da pesquisa história com tópicos de investigação relacionados à vida diária como as atividades domésticas, a esfera privada e à maternidade.

Tedeschi (2015) destaca que a história oral faz parte do processo histórico. A história das mulheres é um processo de apoderar-se da consciência de si mesmo. Para o autor, se um grupo de indivíduo pensa historicamente, isto é história oral, ao ser narrada em si mesma, constitui um processo de identidade criado a partir da experiência da própria vida e dos sujeitos que a cercam.

Joan Scott (2012) indica que a história das mulheres deve ser escrita de uma maneira

diferenciada daquela usualmente apresentada na historiografia tradicional. Reescrever as experiências pessoais sob o ponto de vista feminino, interpretar de maneira diferente, remodelar a análise histórica e rever conceitos e métodos existentes com o objetivo de tornar as mulheres em sujeitos da história, é uma maneira de reconstruir suas vidas em toda a diversidade e complexidade e principalmente resistência às circunstâncias impostas.

Nesta pesquisa, o instrumento de coleta de dados utilizado será a entrevista. Gaskel (2000) destaca que o objetivo da entrevista qualitativa é oferecer dados básicos para o prosseguimento da compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. Para o autor, o foco é a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações no que diz respeito ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos. Bauer apresenta que os pesquisadores sociais, geralmente, subestimam materiais textuais como dados. Ouvir a fala de mulheres, docentes, violonistas brasileiras será a oportunidade de conhecê-las e inseri-las em uma História das Mulheres ainda pouco contada na área da Música. Por meio da invenção de si, do empoderamento dado às mulheres na história oral, serão feitas entrevistas voltadas para a história de vida das docentes, cujo foco será as questões de gênero ligadas à atuação profissional e vida pessoal (nascimento; local de origem; relação com pai, marido, filhos; o que pensam sobre si e de outras mulheres na música).

Para esta pesquisa foram selecionadas doze mulheres, docentes universitárias, violonistas que atuam/atuaram como professoras de instrumento violão principal ou suplementar ou com orquestra de violões ou oficinas de violão em curso regular ou de extensão, orientadoras de pesquisa, em cursos de Licenciatura ou Bacharelado em universidades federais públicas brasileiras.

As participantes representam a totalidade das mulheres, docentes, violonistas atuantes em cursos de Música (Licenciatura e Bacharelado) em Universidades Federais no Brasil. A indicação foi feita a partir de professoras mais antigas e experientes, pesquisas nas universidades em contato com outros professores por meio das redes sociais. É importante ressaltar que as primeiras docentes universitárias violonistas, participantes dessa pesquisa, já estão aposentadas ou em vias de se aposentar, por isso esse registro torna-se fundamental nesse momento. Encontro-me em uma boa posição para fazer a investigação na medida em que já mantive contato com a maioria das docentes participantes dessa investigação e me reconheço como uma delas.

Considerações Finais

O silêncio sobre as mulheres instrumentistas e as representações negativas e essencializadas de sua atuação em diferentes tempos e espaços acaba perpetuando as hierarquias e desigualdades de gênero no presente, ao atribuir às mulheres um papel menos importante, inferior e secundário aos homens no cenário musical.

Compreender as histórias de vida e subjetividades de docentes violonistas universitárias brasileiras possibilitará dar visibilidade à trajetória dessas mulheres, ainda não pesquisadas no campo da música, que enfrentaram o preconceito da marginalidade relacionada ao instrumento violão e alcançaram o ensino superior em universidades federais brasileiras. Também significa o reconhecimento e a valorização da participação dessas mulheres na história da docência em música no Brasil. Assim, pretende-se trazer para a história da música as vozes das próprias mulheres, suas memórias e histórias na perspectiva das relações de gênero.

Referências:

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1989.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In BAUER, M.W; GASKELL. G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HAHNER. J.E. *Mulheres da Elite.* In: In : PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 43-64.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. *História Oral como fonte: problemas e métodos. (2011).* Disponível em :https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395. Acessado em 12/09/2016.

MELLO, M. I. C. Relações de gênero e musicologia: reflexões para uma análise do contexto brasileiro. In. *Anais do Simpósio de Pesquisa em Música 2006*. Curitiba: Editora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná, 2006.

RAGO, Margarete. *A aventura de contar-se Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.* Campinas, Editora da Unicamp, 2014.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História oral e história das mulheres: Rompendo silenciamentos*/Marta Gouveia de Oliveira Rovai (organizadora). São Paulo: letra e Voz, 2017.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história de mulheres. *Revista História Oral*,v.8, n.5, 2005. Disponível em: http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5 D=114.

SCOTT, Ana Silvia. O Caleidoscópio dos arranjos familiares. In : PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TABORDA, Marcia. As senhoritas e o violão: os anos 20 na „Capital irradiante" In: XXII *Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. *Anais do congresso*. João Pessoa, UFPB, 2012.
TAUBKIN, Myriam. *Violões do Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007
TEDESCHI, Losandro Antonio. Os lugares da História oral e da memória nos estudos de gênero. *Revista OPIS*, v.15. n.2, 2015. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/33931/0#.Wr6n59TwZdg.